



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GISELE RODRIGUES RAMOS

(depoimento)

2015

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-623

Entrevistada: Gisele Rodrigues Ramos.

Nascimento: 04/03/1982

Local da entrevista: Teresópolis Tênis Clube

Entrevistadora: Suellen dos Santos Ramos e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 18/11/2015

Transcrição: Pamela Siqueira Joras

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos.

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner.

Total de gravação: 1 hora 01 minuto e 09 segundos

Páginas Digitadas: 21 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de mestrado de Suellen dos Santos Ramos intitulado *Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no futebol; Participação no Grêmio Foot-ball Porto Alegrense; A experiência de jogar com atletas experientes; Inserção no Sport Club Internacional; Duda como empresária e gestora esportiva; O trabalho junto a secretaria do Inter; As escolinhas de futebol; A transição para treinadora; A experiência como auxiliar técnica; Trabalho com deficientes intelectuais; A importância da presença das mulheres no futebol; A influência da Duda na formação como treinadora; O apoio da família.

Porto Alegre, 18 de novembro de 2015. Entrevista com Gisele Rodrigues Ramos a cargo das pesquisadoras Suellen dos Santos Ramos e Pamela Siqueiras Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Primeiro, Gisele, eu gostaria de te agradecer por conceder uma parte do teu tempo para nos dar essa entrevista, muito obrigada, antes de mais nada. E queria começar te perguntando como tu começou no esporte, se foi direto no futebol ou se tiveste experiência com outra modalidade?

G.R. – Eu acho que eu já comecei no futebol. Eu sempre pratiquei bastante esporte durante a minha vida escolar, praticava de tudo, desde bicicleta até qualquer coisa, mas foi o futebol que me deixou mais encantada, o que direcionou mais a minha vida foi o futebol mas eu sempre fui adepta de qualquer esporte, quanto mais radical melhor.

S.R. – E tu lembras como iniciou jogando?

G.R. – Eu comecei jogando na escola então não tinha quase nenhuma menina que jogava, só havia torneios para meninos e eu jogava na minha turma na Educação Física. Foi criado um torneio no colégio onde só os meninos podiam participar o que eu achei super injusto e durante o campeonato meu time estava perdendo, os meninos da minha sala, eram torneios interturmas e eu incomodei tanto a minha professora que ela me deixou entrar no jogo e foi sensacional, todo o colégio gostou e aí eu comecei a jogar com os meninos, fiz uma boa partida, acho que teve um gol, eu não lembro bem, mas recordo que eu joguei e a partir daí fizeram no colégio um campeonato para as meninas o que foi bem legal porque na minha escola não tinha. Quando nós começamos havia três times, era futsal, o que ajuda bastante porque precisa de cinco meninas pra jogar e esse início foi muito legal. Meu início foi me metendo num campeonato de meninos onde eu incomodei tanto durante o campeonato e na quadra que deixaram eu entrar e dali eu comecei a jogar. Jogava no recreio, jogava sempre no colégio mesmo ou na rua com os amigos também, “três dentro, três fora” que é o mais jogado, precisa só de três pessoas, foi como eu comecei, na rua, no colégio, pra depois bem mais velha descobrir que tinham equipes femininas, então, eu já era bem... Perto do que hoje começa a jogar, eu já tinha uns 14 anos quando eu fui começar a pensar que havia outras coisas. O pai de uma amiga minha jogava, tinha uma amiga minha que também

gostava bastante e o pai dela era militar e ele conhecia o Bolina¹ que era treinador do Grêmio², naquela época o Grêmio ficou muitos anos e nós descobrimos que tinha o treino à noite, o que foi terrível para o meu pai porque ele “Vai ter um monte de gente jogando de noite?! Isso não vai ter, vou contigo”. Fomos eu, essa minha amiga, outra menina, a mulher que jogava perto da minha casa que era mais velha e ela que nos levou. Na verdade, era esposa de um amigo do meu pai e fomos todas para o Grêmio, de noite, adulto, fazer teste. Ficamos uma semana, só que as gurias já jogavam, eram adultas. Eu já não era muito boa [risos] e ainda jogando com meninas mais velhas era mais difícil. As minhas duas amigas desistiram, viram que não era para elas, era na época que a gente entrava no Olímpico³, corria na pista, tinha o “carecão” no Olímpico que era o campo de fora e era muito treino físico. E aí eu fui ficando, disse: “Enquanto me deixarem eu vou ficando.” E eu descobri que a tarde tinha o juvenil, tinha o adulto de noite e o juvenil à tarde. “Ah! Então vou pra esse juvenil aí né, de tarde!”. No juvenil era bem mais fácil, tinha a Desireé⁴, a Aline⁵ que quase não jogavam [risos], eu só caía onde tinham muitas gurias boas assim, que continuaram no futebol profissionalmente também. Comecei no juvenil e aí fui ficando, tinha a escolinha do Grêmio na época e foi quando eu comecei a ver o que existia no futebol feminino que até então era desconhecido e para todo mundo que me rodeava também: “Guria jogando futebol? O quê? O Grêmio tem time?” Então foi um pouco assim que eu comecei, depois do Grêmio que eu comecei a ver que existia também o Internacional⁶. Que tinha a equipe sub-17, equipe adulta e comecei a ver todas as outras equipes que existiam. Que pra mim era uma novidade, meu pai também não ficava tão preocupado eu tinha 13, 14 anos mais ou menos era mais tranquilo para treinar, podia ir sozinha, era grande [RISOS].

S.R. – Tu lembra que ano foi teu inicio no Grêmio?

G.R. – Foi 1990 e poucos, se tu tivesse me perguntado antes eu teria olhado porque tenho uma carteirinha guardada, em algum lugar, mas foi 1990 e alguma coisa.

¹ Jorge Antônio Bolina.

² Grêmio Foot-ball Porto Alegrense

³ Estádio Olímpico Documental.

⁴ Desireé Godoy.

⁵ Aline de Borba Fermino.

⁶ Sport Club Internacional.

S.R. – Tu chegaste a disputar algum campeonato pelo Grêmio?

G.R. – Pelo Grêmio não, eu não era tão boa! [RISOS]. Na verdade, quando eu era juvenil no adulto já tinham meninas que jogavam há algum tempo, algumas eram de Seleção Brasileira na época ou Seleção Gaúcha que também existia. A maioria era do Inter, claro, mas tinham algumas do Grêmio. Eu jogava no juvenil, mas acompanhava alguns jogos do adulto mas eu nunca joguei... Joguei o “Grad Prix” que chamavam, era um campeonato no IPA⁷ e era de futebol de campo, foi o campeonato que eu joguei pelo Grêmio. Depois algumas gurias do juvenil começaram a jogar no adulto e voltavam que era o caso da Desiree e da Aline, mas não tinha nenhum outro campeonato. Enquanto o Inter foi para Campeonato Brasileiro sub-17, que foi em Goiânia, o Grêmio não foi e era a minha época de sub-17 que a gente estava treinando pra isso, o sub-17 treinava para o Campeonato Brasileiro que ia ter e que ninguém do Grêmio foi. Até que um dia, não sei se por bagunça ou alguma coisa assim, eu fui dispensada do Grêmio. Fiquei muito triste, imagina tu adolescente: “Bah! Fui dispensada e pensei vou parar de jogar.” Aí descobri que uma galera do juvenil havia sido dispensada do Grêmio, o que é estranho porque tu não recebe nada e tu é dispensada?! [RISOS]. Todas que saíram descobriram um outro time que era o Palmeirinhas de Eldorado do Sul⁸, e fomos todas jogar no Palmeirinhas, tinha o Mário⁹ que hoje já é falecido; ele era o cara de Eldorado que tinha o apoio da prefeitura e então ele pagava passagem para as gurias jogarem. Essa dispensa, na verdade, só me valorizou porque eu fui para o Palmeirinhas com status de jogadora, ganhava passagem, se tivesse lanche... Todas as coisas eles nos ajudavam, era um projeto da prefeitura de Eldorado. Mochila, uniforme, tudo e nisso eu comecei também a jogar futsal em algumas equipes mais com as amigas em campeonatos, tinha a Liga Canoense, essas atividades assim e o Palmeirinhas fez um convênio com uma equipe de Três Coroas¹⁰, que era o Três Coroas que começou a jogar o Campeonato Gaúcho e nisso eu fui do Palmeirinhas para Três Coroas e quem treinava lá era a Cátia¹¹ do Chimarrão¹², e toda a base dessa equipe jogava

⁷ Instituto Porto Alegre

⁸ Município do estado do Rio Grande do Sul.

⁹ Nome sujeito a confirmação.

¹⁰ Município do estado de Rio Grande do Sul.

¹¹ Cátia Merlini.

¹² Sociedade Esportiva Recreativa Chimarrão.

lá e eu cai, nisso veio a Aline, a Desirré algumas outras gurias também meio que caíram nesse time que a gente foi acho que a Sandra¹³ que treinava, que também era do Chimarrão, ela que treinava esse time. Só que era um pouco longe, a gente tinha um amigo que era um amigo desse Mário do Palmeirinhas que coordenava e quando íamos para lá ficávamos na casa dele, a esposa dele também jogava então a gente ficava lá. Começou a rolar o Campeonato Gaúcho.... Acho que joguei pelo Grêmio alguma coisa também contra o Tamoio¹⁴, tô lembrando agora, que era da Bel¹⁵, mas voltando... Como era muito longe o Três Coroas fez um convênio com o Inter e as gurias de lá treinavam no Inter e ai fui também para o Inter, eu a Scheila¹⁶ que jogava também. Começamos a treinar com a equipe adulta, treinávamos quase todos os dias, à tarde físico, trabalho técnico na época e nisso o Inter se interessou em algumas atletas, eu, a Carol¹⁷ que depois foi para o Rio e a Scheila e nos convidaram para fazer parte da equipe do Inter e começamos a ser do Inter e jogava com Duda¹⁸, com Soninha¹⁹ que também pegou, uma leva muito boa: Liese²⁰, depois veio a Rosana²¹, veio uma galera que jogava super bem. A base eram meninas mais velhas que já tinha muita experiência e as meninas do juvenil, que eu me incluía junto, que era a Liese, Dani²²... Era também uma leva muito boa porque tu tinha um espelho que hoje eu vejo que não tem muito mas naquela época tu tinha umas meninas muito boas jogando e tu era juvenil e consegui te espelhar e querer melhorar. Pelo Inter joguei Campeonato Sul-Brasileiro, joguei Brasileiro, Campeonato Gaúcho e comecei a jogar realmente.

S.R.- E de todos esses campeonatos qual que pra ti foi o mais marcante?

G.R. – Deixa eu pensar! Eu acho que todo o campeonato ele é especial, tu tem alguma coisa que lembra muito forte. A equipe do Inter que eu participava no primeiro ano que eu subi, a comissão técnica era muito boa, o time era muito bom, tu tinhas a Duda jogando, a

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Tamoio Futebol Clube, de Viamão.

¹⁵ Isabel Cristina de Araújo Nunes.

¹⁶ Scheila Silva.

¹⁷ Caroline Bastos Vitória.

¹⁸ Eduarda Marranghello Luizelli.

¹⁹ Nome sujeito à confirmação.

²⁰ Célia Liése Brancão Ribeiro.

²¹ Rosana dos Santos Augusto.

²² Daniela Magallon.

Karina²³, a Maria²⁴, a Soninha que eram muito boas já tinham ido para a seleção brasileira, tinha o Camarão²⁵, o marido da Duda, muito próximo aconselhando todo mundo, tu tinha a Escolinha da Duda, a escolinha do Inter era no Parque Gigante²⁶ era muito próximo, era Inter, então, a marca favorecia e a comissão técnica era o Ciro Leães que era muito bom e era o Giovani Fopa que o cara era melhor ainda como preparador físico, então, foi a melhor época para treinamento a gente fazia avaliação coisa que hoje não vê, tu vai lá joga e deu. Na época tinha protocolo que tu recebia de como tu estavas desde percentual de gordura, avaliação física básica até avaliação de VO₂²⁷ de tudo, tanto que o Giovani acho que está na Rússia hoje com o vôlei e ele nos treinou. O Gauchão²⁸ foi muito legal que a gente estava perdendo para o Grêmio e elas com base de seleção brasileira: a Maycon²⁹, a Maravilha³⁰, a Dani³¹, veio muita guria da seleção... Nós estávamos tomando três e aí acaba o primeiro tempo; vai todo mundo para o vestiário chora, chora, chora todo mundo e volta para o campo e acabamos virando o jogo e conquistando o título com gol no final, expulsão da Maycon que aí nosso time cresceu muito. A Copa Sul-Brasileira que tinha eram bem legal porque tu podia viajar e que era bem diferente, então, tu cria um vínculo maior. O Campeonato Brasileiro também, nós fomos para Minas Gerais e ficamos quase um mês, em Ubá no meio do nada num hotel abandonado [RISOS] e uma outra equipe acho que era apoiada pela Nike³². Eles tinham tudo da Nike, nós trocávamos nossas camisetas velhas do Inter por chuteira da Nike que foi o melhor assim. O, hotel meio abandonado tinha que subir a pé porque o ônibus não subia; tinha carrapato por tudo, o campo tinha pulga mas era uma coisa.... Era divertido mas se tu for pensar em estrutura, vai daquele jeito assim. Esse campeonato foi muito legal a gente perdeu a semi-final para o Matonense³³ que eram meninas da seleção e fomos disputar terceiro lugar contra o Grêmio. Então era um Gre-Nal, ganhamos e aí quase dá briga e quando estávamos voltando, perto do Rio de Janeiro, passou o ônibus do Grêmio por nós e a gente com as medalhas, foi

²³ Karina Balestra da Luz.

²⁴ Nome sujeito à confirmação.

²⁵ Carlos Renato Lopes.

²⁶ Área de lazer oferecida aos sócios do Sport Club Internacional.

²⁷ Consumo máximo de oxigênio.

²⁸ Campeonato Gaúcho de Futebol.

²⁹ Andréia dos Santos.

³⁰ Marlisa Wahlbrink.

³¹ Nome sujeito à confirmação.

³² Marca de artigos esportivos.

³³ Sociedade Esportiva Matonense.

muito divertido mas acho que todos os campeonatos valorizam, porque tinha o Estadual, depois a Copa Sul e o Brasileiro, tinha uma sequencia, tu não tem só um Campeonato Municipal da várzea, tu não te sente mais amadora. Acho que tu te sente mais valorizada mais próxima do profissional porque tu tinha meninas que recebiam, com carteira assinada. Acabava o treino tu ia almoçar, tinha o almoço no Restaurante Puras³⁴, acho que era do Inter, tu treinava a tarde então tinha tudo para te auxiliar e foi legal nessa parte de mudança de visão, de mudança de paradigma e até ele acabar. Eu acho que o futebol hoje ele está se reconstruindo aqui no estado aos trancos e barrancos mas está indo, tinha o Pelotas³⁵, outras equipes fortes, competitivas hoje fica um pouco monopolizado. Embora hoje nós tenhamos o apoio de prefeituras... Na época eu não lembro se tinha, porque eu não queria saber de nada, de política, eu queria jogar [riso] que eu tinha que estar lá no horário e depois voltar para casa, quem está dando a minha passagem a minha comida, isso não tem, é o clube e tu cria essa ilusão até descobrir que não é assim. Hoje eu consigo ver de outra maneira e hoje nós vemos Tapejara³⁶ que é uma equipe forte e a cidade que apoia, tu vê Erechim³⁷ a cidade apóia, a própria equipe de Canoas³⁸, o Duda Canoas que a prefeitura apoia então eu acho que as coisas estão mudando, não sei, talvez até os clubes de camisa retomarem que é para acontecer.

S.R. – Voltando um pouco, tu lembras como as jogadoras eram contratadas e o quanto vocês recebiam para jogar?

G.R. – Não! Eu acho que o critério era “Essa joga muito” [risos] “essa joga, essa vale a pena” ou sei lá “essa guria vai dizer que não vai jogar com a gente, vamos oferecer alguma coisa para ela”. Eu acho que ainda se mantém um pouco esse critério de olheiro, eu acho que a Duda tinha essa questão, isso era mais administrado por ela quem decidia quem paga ou quem não paga, quem recebia ou quem não recebia. Eu jogava e depois eu comecei a trabalhar com a Duda , com as escolinhas dela. Eu comecei a trabalhar na secretaria então eu também já não sabia se eu trabalhava porque ela precisava de alguém... Mas eu trabalhava e a minha remuneração era pelo meu trabalho e não por jogar e eu ficava meio...

³⁴ Nome sujeito a confirmação.

³⁵ Esporte Clube Pelotas.

³⁶ Atlético Tapejarense.

³⁷ Município do estado do Rio Grande do Sul.

³⁸ Município do estado do Rio Grande do Sul.

Aí eu almoçava com a carteirinha da Duda. Na verdade, tu não sabes se ganha, tu não ganha para jogar, tu está ganhando porque está exercendo outra função e tinha as meninas que recebiam porque jogavam. As mais talentosas, as mais habilidosas e melhores do ponto de vista da comissão e da direção... Acho que era esse o critério e valores acho que cada um dá o seu preço e vê se cola [riso].

S.R. – Tu é do tempo que tinha carteira assinada?

G.R. – Não.

S.R. – Tu falaste que a Duda é quem gerenciava isso. Na tua opinião qual o significado que a Duda tinha para o Inter?

G.R. – A Duda era liderança tanto fora quanto dentro de campo. A Duda tinha fora do campo influência política, tinha um bom acesso a diretoria do Inter por conhecer e sempre faz parte do Inter, tinha muito conhecimento. Acho que tu conhecer as pessoas certas facilita muito, abre portas e ter sucesso naquilo que tu administra te traz um retorno maior porque não basta tu ser indicada, se tu for indicada vai durar um tempo e se tu não for competente tu vai perder então eu acho que ela conseguia de certa forma se manter administrativamente muito bem e conseguia *linkar* com as escolinhas dela, uma empresária. A visão dela não era de atleta, mas de gestora, de empresária e isso facilitava, vínculo político, conhecia, vai lá pede, consegue, solicita, talvez ela não consiga tanta coisa mais aí ela vende a camiseta do Inter para todo mundo e ela consegue retorno financeiro. Coloca a estampa na camisa e consegue um dinheiro que talvez o Inter não dê, mas o Inter dá campo e “ah pode comer lá, a gente dá e paga como atleta” então eu acho que a influência política dela fora de campo... Liderança sempre, para jogar ela era peça fundamental do funcionamento da equipe e boa jogadora então ela conseguia fazer bem dentro do campo e fora do campo administrar bem. Às vezes em conversas informais a gente conversa “Pô! Mas a Duda e a Bel que também jogou na seleção também conquistou muita coisa e como a Bel não conseguiu esse sucesso profissional talvez que a Duda tem?!” E a minha conclusão é primeiro a educação da Duda acho que foi melhor, segundo a visão dela de empresária não só de jogadora, ela ter esse diferencial, não só de jogar bola,

“como eu vou ganhar dinheiro com isso?” [risos]. Então eu acho que essa é a diferença dela ter conquistado bastante coisa.

S.R. – Gisele, retornando um pouquinho mais pra ti dentro do futebol. Em algum momento tu conseguiu te sustentar somente jogando futebol?

G.R. – Jogando futebol de maneira nenhuma.

S.R. – Sempre precisou de atividade extra?

G.R. – Sim, sim. Nem na faculdade, eu joguei na ULBRA³⁹, consegui bolsa depois, mas não era bolsa integral. Quando eu entrei já não existiam bolsas integrais, então o que eu tinha era um desconto, meio irrisório e aí quando eu saí retornaram as bolsas integrais [risos]. Eu consegui algumas coisas, mas nada que eu me sustentasse. Hoje eu me sustento pelo futebol, mas não por jogar, mas por trabalhar com futebol.

S.R. - Só para finalizar está questão do Inter, tu lembra quando encerraram as atividades e por quê?

G.R. – Não lembro a data. Eu acho que terminou pela questão das carteiras assinadas, o pessoal foi dispensando e começou a colocar o clube na justiça e isso fez com que fechasse. O grande lance do Inter ter banido o futebol feminino e a dificuldade hoje de recomençar foram as carteiras assinadas. As gurias colocaram na justiça e o Inter resolveu que iria fechar tudo. E aí tu explicar que foram algumas, o que é a mesma coisa com o masculino ou qualquer outra modalidade que o clube pudesse ter tu corre o risco de por... Mas acho que hoje o que a Duda vende para a diretoria do Inter, para reconquistar, é “o teu retorno com isso é muito maior do que a ação de alguém na justiça”. O dinheiro que tu receberia para manter o futebol feminino hoje é muito maior que uma pessoa colocar na justiça, mas eu acho que acabou pelas carteiras assinadas dessa questão trabalhista de algumas meninas.

³⁹ Universidade Luterana do Brasil

S.R. – Vamos falar um pouquinho da tua atuação profissional. Hoje tu trabalhas com o que?

G.R. – Eu trabalho com futebol, com futebol feminino, com iniciação esportiva para crianças, trabalho com futebol para deficientes intelectuais adulto, trabalho também com paradesporto, pessoas que precisam ou não utilizar a cadeira de rodas, mas eu trabalho na maioria dos lugares com futebol. Tenho a minha escola de futebol, de futsal onde eu trabalho e dou aula duas vezes na semana é bem tranquilo, trabalho na Escola da Duda também com iniciação, crianças dos 3 aos 6 anos de idade, de manhã. Em outro local com as meninas do Canoas que hoje é Duda/Canoas/La Salle porque tem a Duda, tem a prefeitura e tem as bolsas na faculdade que as gurias ganham. Trabalho lá e trabalho na APABB⁴⁰ que é uma associação para pessoas com deficiência e lá trabalho com futebol também, mas é um outro universo para trabalhar com futebol, isso é o que eu faço profissionalmente, muito de futebol e um pouco de outras coisas. O paradesporto entrou do ano passado para cá, em um estágio na faculdade e eu descobri que é uma coisa bem legal e uma área que faltam profissionais que gostem de competição, as pessoas veem muito como lazer e com o meu lado extremamente competitivo eu consigo dosar com as crianças [riso].

S.R. – E como tu iniciou na Escola da Duda e como iniciou também a tua trajetória como treinadora?

G.R. – Na Escola da Duda tu diz trabalhando ou jogando?

S.R. – É trabalhando, lá no começo tu comentou que começou no Parque Gigante.

G.R. – Comecei como secretária, um pouco de faz tudo que era Centro de Ensino e Treinamento do Internacional era o nome das franquias da Duda, ela tinha a marca do Inter e tinha as franquias que eram os CETE's que a gente chamava, que era junto com o Fernando, o sócio dela. Até que acabou o contrato com o Inter, acabou essa sociedade criou-se os genomas que tiraram o espaço de vender a marca do Inter e era o Fernando com

⁴⁰ Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Deficiência.

as escolas dele, dividiram as escolas, e a Duda virou a Escola da Duda que acho foi um grande lance da marca dela, foi uma coisa.. “Bah e o Inter?” Associou a marca dela e continuou com o mesmo número de alunos sem precisar pagar *royalties*, sem pagar nada, só pagando a quadra. E eu comecei lá e depois a Duda arrumou um lugar e precisava de professor e eu fui para dar aula em uma escolinha, em uma sede da Duda, que a gente chama de sede, de gerentes de quem vai trabalhar. Na verdade a Duda te fornece tudo para começar, mas tu divide tudo com ela, mesmo depois que tu já tem tudo, tu divide com ela. A partir de então comecei a trabalhar com ela abrindo sedes, abri outra aí saí de uma fui para outra até que eu fui parar, hoje, na Galvão⁴¹. Três anos atrás eu estava trabalhando na Galvão com as meninas, não trabalhava com as crianças pequenas ainda, e o Ronaldo⁴² era o treinador do feminino, tinha a equipe dele o treinador de goleiro era o Sidnei⁴³, o preparador físico... Tinha a equipe dele e eu era do sub-17 feminino que estava treinando na Galvão. Um dia o preparador físico resolveu que ele não iria mais e saiu no meio do treino, meio que se indispôs, e saiu. Ficou sem preparador físico daí a Duda “Bah Gisele, tu não quer? Conversei com Ronaldo...” e eu digo “Vamos” vou aprender pra caramba, pensei. E eu fiquei como auxiliar do Ronaldo, em 2011 ou 2012, fiquei com o Ronaldo, acompanhei a Copa Gaúcha, Estadual, não fui a viagens muito longas não tava muito... Só acompanhava, o máximo que eu podia fazer era trabalhar com a preparação física das meninas. Depois o Ronaldo saiu e entrou o Luciano⁴⁴ como treinador em 2013, começou a treinar e também se indispôs em algum momento e largou tudo de mão e saiu disse que não era pra ele. A gente foi jogar em Pelotas⁴⁵ e ele voltou, não estava muito bem com o grupo, eu acho e não foi mais, saiu. E ele já tinha trabalhado com as gurias, tanto que o Gelcius⁴⁶ também já tinha, vários treinadores já tinham passado, mas acho que nessa retomada dele não conseguiu conciliar todas as atividades dele e saiu e eu era a auxiliar dele porque me mantive depois do Ronaldo e como já tinha um vínculo com as gurias fiquei de auxiliar do Luciano. Quando ele não conseguiu ficar por razões pessoais ou de trabalho eu assumi a equipe “essas gurias aí tem o Campeonato Gaúcho agora, tem não sei o que...” e eu meio que caí de paraquedas em um grupo que já estava formado e me mantive, foi em 2013,

⁴¹ Galvão Esportes.

⁴² Ronaldo Carpin Pires.

⁴³ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁴ Luciano Branchi.

⁴⁵ Município do estado do Rio Grande do Sul.

⁴⁶ Gelcius da CostaVieira.

quando vieram a Pati⁴⁷ e a Karina, retornaram. A Karina tinha jogado na Coréia, em São Paulo, a Pati também estava e elas retornaram aquele ano 2013 e jogaram o Campeonato Gaúcho que a gente foi vice-campeã, perdemos para Erechim a final. O primeiro jogo nós viajamos e a nossa goleira não foi porque ela tinha alguma outra coisa e a gente tinha que pegar ela em um lugar e ela não foi. Fomos sem goleira e colocamos uma menina da linha no gol, perdemos o jogo de 4 a 2, retornamos e tinha o outro jogo da final contra Erechim, nós ganhamos acho que foi de 5 a 3, não lembro direito mas não foi suficiente porque o critério nos desclassificava, nós perdíamos o título, a gente perdeu, Erechim foi campeão mesmo perdendo um jogo e ganhando outro pelo saldo de gols a gente perdia o campeonato. Em 2014, eu virei auxiliar de novo porque entrou o Marcelo⁴⁸, o Marcelinho que ele era o treinador e eu me mantive como auxiliar veio mais o Carlos Daniel⁴⁹. As meninas saíram e fundaram o Onze⁵⁰ que veio ser o campeão do ano e agora esse ano que a gente mudou de novo, eu me mantenho na comissão e a Pati como treinadora e o retorno da Karina, de várias meninas que tinham saído e eu ainda hoje estou na comissão técnica auxiliando a Pati em tudo que eu posso dentro do feminino.

S.R. – E tu fizeste algum curso específico? Algum treinamento?

G.R. – Além da faculdade alguns congressos, tem o congresso aquele do Márcio⁵¹ que sempre tem aqui, que é o congresso de futebol, mas cursos básicos nada... Eu já quis fazer aquele curso de treinadora mas eu acho meio...Cara! Pra ti ter um título de treinador tu vai ter que te formar, tu pode atuar, não precisa de uma carteira de treinador. Teve agora o da CBF⁵² esse eu queria ter feito, mas era cinco mil reais. Até conversei “Pô Duda! Tu podia conseguir, agora que tu é assistente pontual” Ela conseguiu pra ela [risos] mas tem todo o material disponível no pen drive para gente poder utilizar. Eu gosto de curso, de estar estudando, mas depende do curso pra me chamar, só um pouco desconfiada ou pão dura [riso] alguma das duas coisas. Cursos de especialização para trabalhar com futebol, alguns congressos só mas nada.... Também não sei o que poderia participar de algumas coisas que

⁴⁷ Patrícia Gusmão.

⁴⁸ Marcelo Lameira.

⁴⁹ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁰ Grêmio Esportivo Onze Unidos

⁵¹ Márcio Faria Corrêa.

⁵² Confederação Brasileira de Futebol

tivessem aqui. Palestras, às vezes, quando veio a Aline⁵³ a palestra das Guerreiras⁵⁴ que ela deu, eu fui. Quando a gente sabe de alguma coisa se puder ir eu vou, acho legal, principalmente quando é auxiliar porque tu consegue fazer mais coisas, quando tu é técnico está mais focado em melhorar para a performance do teu time taticamente e quando tu estás fora consegue ver outros fatores também que podem influenciar bastante, além da preparação física.

S.R. – E como é a tua relação com as atletas, com alunos? Das escolinhas, da equipe?

G.R. - Eu acho que é tranquila, que é boa. As vezes tem dificuldades, eu diria normais porque quando tu tem uma proximidade muito grande, tu tem uma relação de amizade fora e no campo ou no treinamento é outra coisa, então pode gravar que eu sou grossa [risos]. As gurias dizem “a Gisele é grossa mesmo” porque eu vejo que tem que ter uma postura, eu percebi ao longo de ir me formando como profissional, acho que criei isso de conseguir dividir, as vezes elas brincam que eu sou grossa porque se eu tiver que falar alguma coisa... Uma questão de treino é uma questão de treino. Quando eu estiver fora, vou brincar, vou falar. Mas acho que é uma relação boa, as vezes as meninas me procuram para falar alguma coisa e acho que isso serve como parâmetro de que está funcionando, elas conseguem vir me procurar pra buscar soluções para algumas coisa ou expor alguma coisa da equipe que elas não estão gostando, de vir comunicar “Bah! Olha só o que tu está achando? Não joguei e tal” e as vezes tem que ter uma postura legal pois tu trabalha com outro profissional tu não pode “Bah é mesmo o cara te sacaneou” e aí tu está jogando com o que “Bah, não sei vou levar pra comissão, a gente conversa e eu te dou um retorno” ou coisas do dia-a-dia sei lá, uma das meninas que vem quando ela vai arrumar um emprego “Bah, que tu acha esse valor tá legal?”[riso] Então eu consigo ver que a relação está tranquila. Às vezes eu vou jogar um torneio na várzea, alguma coisa, convido as meninas e elas vem e a gente brinca é outra postura completamente diferente de quando está trabalhando. Com as crianças também é legal porque tem mais essa questão do afeto de abraçar, virar de ponta cabeça, eles também trazem bastante coisa de casa, boletim, colégio. Na minha escolinha eu olho os cadernos, uma coisa que a gente tem é medalha de destaque, aí eu mando eles trazerem o caderno se está copiando ou não está, boletim eu uso

⁵³ Aline Pellegrino

⁵⁴ Guerreiras Project

também porque os pais gostam, eles tem que gostar para te manter ali porque é a primeira coisa que vai acontecer, os pais tirarem da escolinha porque tem nota vermelha e eu criei uma forma de mostrar como a escolinha é boa “Tu vê eu estou auxiliando teu filho”. Acho que a relação é bem tranquila, agradável, boa, às vezes tem brigas, discussões mas eu nunca tive... Já [risos]... Já tive algumas coisas mas nada que não fosse resolvido porque as vezes tem que tomar alguma atitude e ela não vai agradar a todo mundo mas ela tem que agradar ao que tu pensa em primeiro lugar e aí tu consegue ter critério. Se tu tiver critério... De repente eu falei alguma coisa e tu não gostou, mas se eu tiver essa mesma atitude com todo mundo então tu vais ver que não é pessoal, é um critério utilizado.

S.R. – A relação com os teus colegas de profissão, da escolinha, com os outros técnicos como é?

G.R. – Na minha escolinha eu trabalho sozinha, na Escolinha da Duda eu dou aula junto com outra professora a Jissele⁵⁵ é bem tranquilo, ela foi minha aluna e hoje ela treina na equipe, eu não tenho muito problema. E tem os outros professores, às vezes tem reunião de gerente e tal, mas é bem tranquilo, eu nunca me indispus que eu lembre. Me desculpe se alguém estiver ouvindo, lendo isso [risos] mas eu não me lembro de ter brigado contigo. Eu não lembro de nada que eu tenha causado alguma questão que “Bah aquele profissional e tal” as vezes tu não gosta da postura de algum mas nada que te impeça de trabalhar ou te tire o sono, muito, tem aquilo de pensar bastante sobre isso. Com as gurias a minha relação é tranquila, com o Carlos Daniel, hoje a Pati que eu já conheço a muito tempo, muitos anos e isso facilita porque se eu tiver que falar alguma coisa pra ela e ela pra mim a gente vai conseguir conversar. Com o Ronaldo a postura dele era bem diferente, com ele era “Eu sou o treinador” saia dali tu não via ele conversando com outras gurias, o que nós temos quando são as próprias meninas. Por exemplo, eu treino, mas eu convivo com elas e o Ronaldo não, não tinha essa convivência dele com outras meninas, trabalhava em outros locais e tu não via muito assim, uma coisa mais velada, sei lá. Na APABB, onde eu trabalho com os deficientes intelectuais eu tenho muitos auxiliares, uma equipe grande, por exemplo, para uma atividade trabalham cinco professores mais ou menos e é bem tranquilo, eu consigo me identificar com eles, eles conseguem pegar as ideias que eu

⁵⁵ Jissele Agnes.

proponho, ajudar, acho que eu tenho sorte de trabalhar com profissionais bem legais, dispostos. Sou de sorte. Tirando que eu não recebi pra jogar [risos].

S.R. – Tu és uma das gerentes das Escolas da Duda?

G.R. – Não mais, eu já fui mas sai e fui trabalhar direto na Galvão e lá eu recebo como professora não como gerente. Recebo um salário fixo para trabalhar dando as aulas.

S.R. – E como esses profissionais são selecionados?

G.R. – A Duda manda [risos].

S.R. – A Duda escolhe?

G.R. – A Duda escolhe. Alguns por indicação, às vezes tem um professor que é legal e tu indica e outros pela Duda mesmo pela convivência dela, mas acho que são a maioria indicações, muitas pessoas levam currículo mas é difícil se ela não conhecer, se tu não tiver uma referência. O que é estranho porque como tu vais ter uma referência se tu não trabalhar? Mas normalmente é por conhecimento, é por indicação e a Duda gostar, acho que ela tem que gostar e confiar porque ali tu está dando aula, é a escola dela é o nome dela. Se ela não confiar em ti para tratar com os pais, eventualmente, receber algum pagamento se ela não estiver e precisar que tu faças, vai ter que confiar. Os uniformes também estão lá... A Jissele que eu indiquei pra Duda que poderia trabalhar lá ela também já tinha gostado. Eu tinha indicado ela para o Marcelo, que é um gerente da Duda, ele tava precisando de uma professora e a Jissele estava precisando trabalhar na época e eu mandei ela pra lá, ele gostou, quando surgiu a vaga na Galvão também falei dela e a Duda também já sabia e trouxemos ela para trabalhar ali. Nas outras sedes cada gerente tem autonomia para escolher o professor que ele quer então a Duda não influencia na escolha de quem tu queres trabalhando na tua sede, tu gerencias. No máximo ela pode chegar lá dar um palpite, mas tu tens total autonomia para a escolha.

S.R. – E todas as sedes trabalham com futebol feminino?

G.R. – Não. É que a maioria das Escolas da Duda vamos dizer que são escolas mistas. É muito difícil ter uma turma de meninas, mas tem meninas nas turmas, jogando com os meninos. Eu tenho uma menina na minha turma com 5 anos de idade e ela joga com os meninos, então 99% de meninos e eu tenho essa menina. Nas outras turmas eu acho que é mais ou menos isso, tem uma menina que se destaca que joga bem e ela encara e joga com os guris. É difícil formar uma turma feminina, quando tem 3, 4 é muito ruim tu depender de ter gurias porque daí elas “Ah, dependem de mim, vai ter que me pegar em casa, vai ter que me chamar, pagar pra mim”, não tem só feminino, eu acho a não ser ali na Galvão mas não lembro agora se tem alguma.

S.R. – Como é o processo de formação das atletas na escolinha, na escola da Duda? Fala um pouco dessa metodologia utilizada.

G.R. - Eu hoje não trabalho com as gurias ali na formação, cada professor... A Duda tem um manual de gerente, um manual de professor, mas cada professor dá a sua aula, a Duda está muito presente na Galvão então se não estiver de acordo com o que ela quer ela vai te chamar e falar contigo, ela tem isso. Cada professor dá a sua aula então eu não sei dizer uma metodologia. Talvez eu saiba o que eu utilizo o que funciona pra mim, o que gosto de trabalhar, mas as outras turmas, os outros professores eu não tenho conhecimento, mas acredito que a mesma coisa que é dada para os meninos também é para as meninas. Se não tiver alguém que saiba, porque querendo ou não o feminino é um pouco diferente até pela questão da mulher ser diferente, porque futebol não deveria, futebol é futebol, mas a questão de ser mais emocional as vezes que os meninos então ela vai levar para o pessoal se tu xingar assim mas essa coisa de vir assim mais com esse tratamento com as gurias porque com os guris tu manda e eles vão. Eu não sei uma metodologia para trabalhar ali, não sei se hoje é a Carol⁵⁶ ou o Leandro⁵⁷ não sei quem trabalha, o Rodrigo⁵⁸ que são esses profissionais que trabalham com as meninas.

S.R. – E pra ti qual a importância da escola para formação de atletas?

⁵⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁸ Nome sujeito a confirmação.

G.R. – Feminino? Masculino? Geral?

S.R. – Geral.

G.R. – Eu acho que propicia um ganho muito grande porque se eu linkar com meu histórico particular de não ter taticamente e tecnicamente, nada apurado, nada refinado quando tu trabalha isso desde criança, tu tem uma coordenação melhor, melhora todas as funções do teu corpo e isso acarreta num ganho maior, isso quando for trabalhar qualquer esporte não vejo como específico para o futebol mas para a vida e eu vejo que dá importância é tanta coisa que fica difícil responder assim “qual a importância?” teria que ter um texto mega bonito com um referencial teórico [riso] mas acho que a importância para a vida porque eu trabalho bastante com a questão da educação e de regras pra mim isso é bem forte. A questão de usar o teu corpo e saber os limites de correr bonitinho, de chutar a bola com o lado certo, dominar e não ter medo tem isso tudo mas a questão de regras de convívio isso eu acho importante e respeitar o teu aluno. Tu não vai dizer pra ele que vai fazer porque tu é a professora, tu vai tá ensinando pra ele o que? Que o mais forte manda, então tu tem que ter uma forma de falar que ele entenda que isso vai ser bom pra todo mundo e que estamos ali com o mesmo objetivo. Eu acho que as importâncias mais sociais do esporte me chamam a atenção além das outras coisas todas que a gente sabe que existe mas a questão de regras, de educação, de respeitar isso eu acho que tem que ser trabalhado, não aquele professor que chega, manda e diz que ele quer assim ou a maioria quer e se eu fizer parte da minoria? Então eu tenho que tentar respeitar todo mundo não só o que a grande maioria quer mas “hoje todo mundo quis isso mas amanhã a gente vai ver o que tu quer com outra ideia”. Isso eu acho legal no esporte pra criança e na questão do futebol feminino por que... Para qualquer criança se tu pegar um homem e uma mulher com 15 anos, 20 anos e dizer que agora ele vai ser um praticante de atividade física e tu pegar alguém com 5 anos que a motricidade dele tá super boa pra idade dele acho que tudo isso acarreta em benefício, acho que isso é muito bom.

S.R. – Falando de maiorias e minorias, hoje nós não vemos tantas mulheres como treinadoras e pra ti o que é ser uma mulher treinadora?

G.R. – [Silêncio] Estou pensando. Acho que é importante para as meninas verem que elas não precisam só jogar ou serem jogadoras, isso é o sonho da grande maioria que joga mas que elas podem ser profissionais de outras áreas ligadas ao esporte que elas amam. Tu ama futebol, tu gosta de futebol, tu quer trabalhar com mulheres talvez tu não é tão boa para aquele momento ou para as pessoas que estão selecionando ou realmente tu não é boa mas tu pode trabalhar em outra área. O espelho de ver, por exemplo, uma árbitra apitando teu jogo mas uma árbitra formada não alguém que tá lá porque tinha que ser uma mulher mas a competência. Não importa se eu for uma profissional trabalhando com o feminino ou se eu for uma mulher treinadora se eu não for competente é isso que vai contar “Ah tinha uma mulher lá, era ruim aquele time, era uma mulher” Não, tu tem que provar muito melhor, ninguém questiona muito isso porque as vezes um bandeirinha errou um impedimento os caras vão falar mas se for uma mulher vai tomar uma suspensão, vai ter um caos. Acho que a gente luta para fazer o que gosta, ser boa profissionalmente, ser espelho das gurias. Hoje eu vejo a Jissele trabalhado com futebol, a Carol entrando na faculdade. Poxa a Carol na faculdade é uma coisa assim... Se vocês conhecerem a Carol Sangue⁵⁹, quando eu conheci ela não tinha o segundo grau e ela estava sempre ali na Escola da Duda, faltava um professor ela quebrava o galho, e eu vi assim que ela gostava das crianças e quando eu comecei ali na Duda com as gurias “Pô Carol, tem que estudar, vai estudar cara” tanto eu enchi o saco que ela fez aquelas provas que tu faz e termina o segundo grau e incomodei mais um ano inteiro pra ela entrar na faculdade e aí ela entrou na SOGIPA⁶⁰ porque eu disse pra ela que nós teríamos um time tri bom na SOGIPA pra jogar. Isso não aconteceu muito da forma que a gente esperava, mas teve um time e isso é legal de “eu consigo estou aqui trabalhando, tu também consegue trabalhar”, e vê uma outra perspectiva e no futebol as mulheres tem que ocupar, maiorias, perder esse tempo que a gente ficou de torcedoras de “bah, olha a regra do impedimento” conhecer as coisas eu acho legal.

S.R. – Tu já sofreu alguma resistência, algum preconceito por ser jogadora e também treinadora?

G.R. – Sim, preconceito com certeza, até pela minha idade, não vou dizer qual é, desde muito nova, mulher... Masculinização da mulher, mulher no futebol não, não é mulher ou

⁵⁹ Carolyne da Rocha Capistrano.

⁶⁰ Sociedade de Ginástica de Porto Alegre

“ah ela joga melhor que os caras” porque isso pra mim é preconceito porque tu joga bem isso seria simples mas quando tu vê um menino que joga bem “bah o cara joga muito” mas quando tu vê uma menina que joga bem “bah joga melhor que tu ,fulano” isso é uma comparação machista. Tem o preconceito que não é aquele escancarado que a pessoa vem e diz “tu é igual um guri” isso é um preconceito mais... Ruim assim. Esse outro preconceito mais velado “bah ela é treinadora, tu viu que ganharam e era uma mulher treinando?” isso o cara pensa que está te elogiando mas.... Na escolinha acontece muito, hoje eu trabalho sozinha e antes eu trabalhava com a Jaque⁶¹, então chegavam duas mulheres, campeonato, Jogos Abertos de Porto Alegre tu ia para a rodada e nós tínhamos um pouco de sorte porque além de serem bem treinados eram muito bons, jogava e ganhava a rodada e as crianças, os meninos diziam assim “a gente perdeu pra um time que tinham duas professoras, o ‘sor’ também não nos treina” [risos] então tu acaba “bah se eu perder é normal” tu vai perder pra uma mulher mas se tu ganhar “Pô como ela ganhou da gente?” e tem aquele preconceito que é mais direto, que ofende mesmo que te chamam por nomes pejorativos por tu jogar e tem aquele meio velado, comparativo. Acho que hoje é mais tranquilo, mudou, hoje tem muito mais meninas jogando até por vencer um pouco esse tabu, não que não tenha, mas tu encara mais “vou jogar e vou jogar, azar”. As meninas jogam um pouco mais fácil não que não exista, mas acho que a comparação sempre. Não basta tu ser boa, tu tem que ser melhor que.... Se tiver um homem e uma mulher, primeiro tu já sabe que o cara tem a vaga “ah mas a mulher é tri boa, ah mas a mulher é muito melhor. Então tá ela pode ter a vaga também”. Tem preconceito, já sofri mas quando se é mais nova na adolescência a gente fica um pouco mas frustrada porque tu não entende “Pô, só estou jogando. Estou jogando com os gurus na rua. Estou brincando” e aí tu não tem nem tantos argumentos mas quando tu cresce muda um pouco tu tem mais argumentos e não enxerga tanto ou enxerga mas a proporção não é tão grande.

S.R. – E tu vê diferença dos teus colegas no tratamento, na arbitragem, nas competições?

G.R. – Na arbitragem sim, os colegas não muito porque tá todo mundo ali no mesmo nível, se tem não é diretamente pra ti, eles são respeitosos. Alguma ou outra vez, acho que isso varia de acordo com o profissional que está ali, a pessoa vai ofender se for uma mulher ou

⁶¹ Jaqueline Escobar Pastro.

ser for um professor. A arbitragem tem, se tu grita alguma coisa já vem te intimidar e “não, não vai fazer” e às vezes um cara grita e o árbitro demora um pouco mais pra ir lá xingar, vai deixando e quando é mulher eles são um pouco mais chatos.

S.R. – E tu almeja trabalhar em uma equipe profissional a nível nacional?

G.R. – Acho que já pensei nisso, hoje não tanto. A realidade vai te tirando um pouco isso até pela demora que isso pode levar para acontecer, talvez não saiba se eu vá trabalhar claro que tu almejas sempre uma colocação melhor no trabalho, um salário melhor. Acho que sim gostaria, tenho vontade, mas acho que isso vai demorar para acontecer, demorar bastante para acontecer. Imagina que talvez nem meninas de seleção, com formação ainda conseguiram isso então a dificuldade é bem grande, mas a gente está aí pra ir quebrando e vamos indo até onde der pra ir. Eu penso assim, aonde der pra ir eu vou indo, talvez na base, acho que nem na base do masculino não tem mulher aqui, é uma dificuldade, vamos vendo até quantos anos eu vou trabalhando [riso].

S.R. – A Duda enquanto coordenadora ela influencia na formação de vocês como treinadores?

G.R. – Tu diz na equipe ou de escalação alguma coisa assim?

S.R. – É, na tua formação profissional. Ela influencia, incentiva?

G.R. – [silêncio] Tô pensando na resposta [risos]. Uma resposta política. Eu acho que ela não te impede de buscar nada, acho que o que tu quiser, se precisar de folga, trocar com alguém ela vai facilitar pra ti. Se tiver um curso, uma viagem, qualquer coisa que tu precisar fazer e tu trabalhar para ela, ela vai tentar resolver da melhor forma para que tu consiga ir. A Duda não é empecilho nenhum para o teu crescimento, mas não sei... Ela não disponibiliza muitos cursos mas ela não se fecha a nada, o que pedir pra ela e estiver ao alcance, for fácil, simples de fazer ela vai fazer pra ti. Se precisar de ajuda, ela vai tentar alguma coisa mas ela não disponibiliza, cursos de formação, coisas que eu acho que se ela pudesse influenciar um pouquinho não tem. Até o congresso que eu fiz de futebol, foi

conseguido pela federação em 2014, acho que era o Neco⁶² que estava na Associação⁶³ e os treinadores podiam ir de graça. Eu fui, a Pati foi pelo Onze também e a Duda que recebe essas informações e nos passa “Oh, vai lá que tem um curso que é legal, vai ter um negócio do feminino também” e eu consegui ir foi bem bacana mas não que... Não lembro agora.

S.R. – Última pergunta é em relação aos teus pais. Qual é a reação deles por tu trabalhares com futebol e também por teu escolhido o futebol como teu esporte, de prática esportiva?

G.R. – Acho que não teve muita resistência, sempre tem um pouco, mas mais por pré conceitos assim que eles tinham mas com o tempo e as medalhas chegando e sendo penduradas tu vira motivo de orgulho “Minha filha é atleta”. O meu pai fazia uma coisa que eu detestava, chegava visita em casa e ele ia lá e abria a porta do meu quarto “olha aqui o que tem de medalha” [riso]. Cara, vai lá no teu quarto abrir a porta, eu lendo e ele abria a porta para mostrar as medalhas “olha só porque ela foi e não sei o que” tu vira um pouco ídolo dos pais mas não teve nenhum grande empecilho. O meu pai era um apoiador ele levava para os jogos se precisasse, quando eu chegava de madrugada de alguma viagem ele me buscava, ele sempre apoiou bastante e a minha mãe também nem se fala não teve nenhuma... Talvez no início a questão de preconceito de “Pô daqui a pouco vai ficar muito masculina” mas eu acho que mais eles me protegiam do preconceito que pudesse vir de outras pessoas do que por eu jogar. Para eles foi sempre um orgulho, meu pai ia muito. Quando ele faleceu até perdeu um pouco assim, mas continuamos trabalhando [riso].

S.R. – Tem alguma coisa que não perguntamos que tu gostaria de comentar?

G.R. – Não, acho que só, acreditem no feminino pode dar certo, dá certo é um trabalho legal e as meninas merecem e todos que estão envolvidos e também agradecer a vocês duas por terem me convidado para vir falar e estar fazendo esse trabalho com o feminino que é importante porque não tem muita coisa e a gente precisa, quem estuda precisa parar de ser tão “peguei aquele estudo que tinha dos meninos e adaptei para as meninas porque tem pouca coisa das meninas” então parar um pouco com essa questão para gente poder... As garurias que vem estudando se interessar e ter bases de futebol feminino para procurar suas

⁶² Carlos Alberto de Souza

⁶³ Associação Gaúcha de Futebol Feminino

referências e fazerem seus trabalhos então obrigada a vocês gurias que estão trabalhando com o feminino e no que puder contribuir estamos aí pra isso.

S.R. – A gente que agradece mais uma vez.

[FINAL DA ENTREVISTA]